

A mão do mercado

Na minha obrigação matinal de flunar por aí
topo numa frase de jornal
“ O mercado mandar na política é inadmissível”
Soa em mim efeito imprevisível
Quando se queria sensacional
Bate a ideia da poesia do “entre”
Evoco meu intervalo
Entre, como uma porta convidante
Um gargalo
Entre, como espaço de respiro
No meu caminhar pela cidade
do normal absurdo me inspiro
Noto que de força irascível
Ervas brotam apesar dos paralelepípedos
Ervas entre pedras
Ervas nos intervalos
Verdinhas
Como a minha poesia do “entre “que nasce
A despeito da mão diretiva do mercado
guiando nosso tempo de vida
Dura realidade
É paralelepípedo na veia.
A erva verdinha pontua a insistência vital
Revela a teimosia apesar de....
A pesar
Do mercado pesando
Paralelepipedamente
Ando , ando sobre pedras
Já totalmente sem rima
Totalmente sem rumo e
As retinas captam um sorriso branco
Grátis gratificante
Daqueles que reconheço num brasileiro em qualquer lugar do mundo
Pessoas com sorrisos realmente reais,
Esse grupo quase um intervalo
Uma poesia entre a humanidade
Um grupo de resistência
Militante
A antropologia me interessa mais agora
Que a política e o mercado
Tekoa, em seus 18 anos, comemoro
As ervas que insistem em aparecer
E as rimas que insistem em desaparecer

O poema que brota entre os afazeres
Comemoro
A visão antropológica que ignoro ,
O meu erro ao pronunciar
seu belo nome sonoro
Tekoa, na verdade guarani
Tekoáh
a sabedoria e a ignorância
nesse tempo wallstreetiano
com poucos entres
com poucos entes
nos intervalos
a viver poesias
saraus, artes plásticas , danças
entes de resistência
militâncias poéticas
Falo de silêncios presos
Silêncios “entre”
Em sentimento de poeta patética
Sinto-me uma poderosa verdinha
Num mundo de especulação
De dinheiro concreto e volátil
Deus. Absolutamente Rei e Real.
Nietzsche mata Deus e diz:
O homem trai a natureza pela reflexão
O homem trai, talvez bem mais, pela ambição
Desviado do divino pelo concreto e abstrato metal
É no mínimo admissível que o mercado mande na política
Mas o sorriso persiste, resiste e insiste verdinho
e quiçá para além do túnel haja mais....
Viva a poesia do “entre” !

Luiza Oliveira.

De pegada em pegada

De pegada em pegada
sigo marcando
De pegada em pegada
sigo marcas
cato letra daqui
caço letra dali
formando palavras
formando-me palavra
De passada em passada
construo estrada(s)
uma pedra daqui
uma pedra dali
a(r)mando morada(s)
a(r)mando(-me) habitando(-me)
De folhinha em folhinha
a formiga prossegue
devagar, aos pouquinhos
abastece o porão
De semente em semente
vai crescendo a plantação
De andorinha em andorinha
faz-se o verão
De grãozinho em grãozinho
a galinha enche o papo
De gotinha em gotinha
qualquer copo transvasa
De recusa em recusa
José e Maria
peregrinos esperando
abrigo encontrar

De pedrinha em pedrinha
Joãozinho e Maria
seguiam, seguiam
pra depois voltar
De retorno em retorno
de novo se punham a avançar
desejando pra sempre à casa voltar
pé ante pé
desloca-se a mãe
para o sono do filho
poder preservar
De sonho em sonho
eu quero estar
crescendo o coração
e também o sonhar
De carícia em carícia
uma urdidura tramar
De graveto em graveto
um ninho forjar
De jogada em jogada
quero me lançar
De partida em partida
no jogo ganhar
De palavra em palavra
um discurso montar
para ter nesta trilha
mil parceiros sem par!

Yara Stela Rodrigues Avelar
Lida por Yara Avelar

PELE

O que me cobre os ossos
e a carne
me apresenta como sou
(ou esconde quem sou)

Disfarça a raça

Humana

Profana

Branca

Negra

Amarela

Misturada

Desordenada pele

com pelos

sem pelos

e pelos

cheiros e sebos

desvelos e cabelos

Desgrenhado tecido

de tato provido

à procura de sentidos

VAGALUME

enigmática

a noite se apresenta

povoada por imagens

há medo e beleza no ar

ruídos por toda parte

a lua encoberta e minguante

negava-nos a luz.

como nos caminhos da vida

a luz vem e vai:

vejo um vagalume.

É preciso

O homem é um ser preciso.

É preciso ser desejado.

É preciso ser gostado.

É preciso ser pensado.

É preciso ser nascido.

É preciso ser amado, contido, cuidado, limitado, investido...

É preciso ainda ser brincado.

A criança que não brinca vira um adulto perdido, um "adulto-criança adormecida", um "adulto-criança ferida", um "adulto-criança não nutrida", um "adulto-afeto escondido"...

E aí ele fica um "adulto-mais preciso", um "adulto-preciso mais".

Precisa regenerar sua pele.

Precisa cicatrizar suas feridas.

Precisa descongelar a infância.

Precisa renascer o seu corpo, sentindo novos contornos.

Precisa reencontrar suas fantasias, protagonizar seus conflitos e reconstruir-se um brinquedo interno para retraduzir a vida, seu mundo, os mundos.

Brincar é preciso.

Brincar é possível, desejável, viável.

Brincar é via.

Via-saúde que repara, que desgarrar, que potencializa, que leva e traz aos mundos particulares de sensações táteis, olfativas, energéticas, cinestésicas, de gestos afetivos, regressivos, progressivos, de imagens sagradas, angustiadas, encapsuladas, de resistências narcísicas, míticas...nunca conclusivas...

Yara Stela Rodrigues Avelar

Lido por Yara Avelar

Se a gente jogar uma pedra no vento
Ele nem olha para trás.
Se a gente atacar o vento com enxada
Ele nem sai sangue da bunda.
Ele não dói nada.
Vento não tem tripa.
Se a gente enfiar uma faca no vento
Ele nem faz ui.
A gente estudou no Colégio que vento
é o ar em movimento.
E que o ar em movimento é vento.
Eu quis uma vez implantar um costela
no vento.
A costela não parava nem.
Hoje eu tasquei uma pedra no organismo
do vento.
Depois me ensinaram que vento não tem
organismo.
Fiquei estudado.

Vento

Manoel de Barros

Lida por Maria Luiza Leão

Em Vila Rosali Noel Nutels repousa
do desamor alheio aos índios
e de seu próprio amor maior aos índios.
Como se os bastos bigodes perguntassem:
Valeu a pena?
Valeu a pena gritar em várias línguas
e conferências e entrevistas e países
que a civilização às vezes é assassina?
Valeu, valeu a pena
criar unidades sanitárias aéreas
para salvar os remanescentes
das vítimas de posseiros, madeireiros, traficantes
burocratas et reliqua,
que tiram a felicidade aos simples
e em troca lhes atiram de presente
o samburá de espelhos, canivetes,
tuberculose e sífilis?

Noel baixa de helicóptero
e vê a fome à beira d'água trêmula de peixes.
Homens esquecidos do arco-e-f lecha
da integração que desintegra
a raiz do ser e do viver.

"Vocês têm obrigação de usar calça
camisa paletó sapato e lenço
enquanto no Leblon nos despedimos
de toda convenção, e viva a natureza. .."
Noel, tu o disseste:
A civilização que sacrifica
povos e culturas antiquíssimas
é uma farsa amoral.

O parque maravilha do Xingu
rasgado e oferecido
ao galope das máquinas,
não o quiseste assim e protestaste
como se fosse coisa tua, e era
pois onde um índio cisma
e acende fogo e dança
a dança milenar extra-Conservatório
e desenha seu momento de existir
longe da Bolsa, da favela e do napalm,
aí estavas tu, teu riso companheiro,
teus medicamentos,
tua branca alegria de viver
a vida universal.

Valeu? Valeu a pena
teu cerne ucraniano
fundir-se em meiga argila brasileira
para melhor sentires
o primitivo apelo da terra
moldura natural de homens xavantes
e kreen-akarores
lar aberto de bororós
carajás e kaingangs
hoje tão infelizes
pela compulsão da felicidade programada.
Valeu, Noel, a pena
seguir a traça de Rondon
e de Nimeundaju,
mãos dadas com Orlando e Cláudio Villas-Boas
sob o olhar de Darci Ribeiro,
e voar e baixar e assistir e prover
e alertar e verberar
para que fique ao menos no espaço
este signo de amor compreensivo e ardente
que foi a tua vida sertaneja,
a tua vida iluminada,
e tua generosa decepção.

Entre Noel e os Índios
Carlos Drummond de Andrade
Lida por Marcelo Pinto

TUTU –

Tatu

TUTU BRÂ UCHÔ

Tatu abre a terra

UCHÔ MEHTLON TUTU

a terra da força a tatu

KRIM TUTU BOKÊ TÊ IMMIH

o sangue do tatu espirrar no corpo

A SOUA POPEH TUTU BOKÊ TÊ IMMIH

cozinhar casca de tatu e espirrar no corpo

N'DOND CADANDO IMMIH PUKI

cura a doença do corpo Puri

MEHTL'ON KSCHÊ SAMEE COCHA

força de dentro da criança grita!

AH TL'AMATL'I TUTU eu gosto de tatu

T roca de saberes 2013 na UFV Salve a mata Atlântica! Transcrito
das energias das montanhas de Araponga - MG

A iniciativa de transcrever essas inspirações poéticas nesse livreto, é fazer um exercício de expressão Puri, usando palavras, encontradas nos registros dos viajantes no período de 1800 organizados em um vocabulário da língua Puri por Marcelo Lemos. Nessa busca das origens, sigo rastro, de recomposição da história do povo Puri, da região sudeste. Com os relatos de nossa memória ancestral, podemos fazer tentativa de preencher lacunas deixadas no tempo passado, por ação de invisibilidade imposta na história aos povos originários da terra, a ferro e fogo. Pessoas que deram seu sangue, para futuras gerações, e não tiveram oportunidades de ver seus filhos crescerem a correr pelos campos livres da uchô brit tou.

Após, essas interessantes descobertas feitas através da leitura desses textos e se vai a campo, pode-se até dizer, que 190 anos depois, o desenho deles, estão traçados nessa na terra,

eu vi Puri por lá!

Ele esta lá na m montanha, colhendo café!

Esse trabalho faz parte de pesquisa orientada pelo Dr. Prof. Willer Barbosa da UFV e Nenem Lupim da EFA PURYS

Contato com a cultura Puri no Face Book – Grupo Puri,

Dauá Pur i ou dauasilva.puri@gmail.com – (21) 997833446 - vivo

Andante da Terra a beira do mar

Eles andavam livres, se escondiam do perigo da natureza era um só povo, uma família. Um grupo de pessoas, seus nomes quem sabe? como identificá-los pensavam quem os via, talvez pelos pássaros que voavam na cercania onde viviam? Assim disseram eles Jacutingas, Maracanãs, Tukanos, Puris, Cariris, Xocós. Eram Tupinambás, Gês, Guarani, Karibe, Aruaques em fim onde estão? onde foram parar os valentes Goitacás, Temiminós, Guaianás?.....Será que a marca da pena que escreve letras terá tamanha eficiência de riscá-los ou apagá-los? Com simples decreto ou medida provisória extingui-los de vez? Não, suas marcas estão aqui nas pedras, nos morros no litoral evidencias que a ciência da arqueologia comprova e as veias de seus descendentes correm o sangue originário desta terra, sangue forte resistente que suporta tudo aos ventos ao tempo. Sim esse povo quer falar, quer sua voz seja ouvida como seres plenos de vida, para clarear as páginas das historias mentirosas escritas a força. Dar vida a esse povo de hoje que teve que se misturar se esconder e que assim como antes, continua vivendo e viverá sempre sem nome sendo um numero a mais pelas estradas da terra... Trazida pelas energias das estrelas (Churi) Transcritas por Dauá Puri em Jacutinga - Caxias - RJ

VERSANDO EM PURI

EU VIM DE LÁ, EU VOU POR AÍ
EU VOU COM DAUÁ VERSANDO EM PURI

OPE, SCHUTEH, POTEH

SOL, BOM, LUZ

OPEH, SCHUTEH, POTEH

SOL, BOM, LUZ

TL'AMATL'I DIEH, TL'AMATL'I DIEH

GOSTO VOCE GOSTO VO de CE

Tema inspirado por Fabricio Vassali, Padero e Dauá Puri
caminho de Juiz de Fora para apresentação do auto do boi
envenenado em 2012

Asses Maria Lúcia Munhoz

Res 20/9/2014

Dauá Puri